

TOPONÍMIA E ENSINO: PROPOSTAS PARA A APLICAÇÃO NO NÍVEL BÁSICO

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)
alex-uece@uol.com.br e profalex.ufac@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo, que, *a priori*, teve seu conteúdo exposto em palestra proferida na Universidade Federal do Acre, possui dois objetivos precípuos: o primeiro é discutir a respeito da inclusão e das contribuições dos estudos toponímicos no ensino básico; o segundo é apresentar sugestões para a aplicação da referida disciplina nas séries do Ensino Fundamental e Médio. Na fundamentação teórica, apoiar-nos-emos em Dick (1990, 1992, 1996); e na proposta prática, Valea (2003).

Palavras-chave: toponímia; aplicação didática; ensino básico.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A língua, como instituição social, reflete as manifestações sócio-culturais, a cosmovisão e os ideais de um povo. O estudo da língua, portanto, permite a descoberta de episódios históricos, o conhecimento de características físico-geográficas de uma região, a identificação das crenças mítico-religiosas de um povo; relacionando, desse modo, diferentes campos do saber: Linguística, História, Geografia, Antropologia, entre outros.

Para Biderman (1981, p. 134), “o acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura”, obtido através da experiência humana pela interação, seja com o ambiente físico, seja com o meio cultural.

Cultura, para Lyons (1982, p. 274), é o conjunto de conhecimentos adquiridos socialmente, ou seja, “o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade”. Para ele, “cada sociedade tem a sua própria cultura e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter sua própria subcultura distintiva”.

Diante do que postulam os autores supra, pode-se inferir que cada grupo social, que possui características culturais próprias, proje-

ta, nos nomes escolhidos para identificação dos lugares, aspectos da sua realidade cultural, social, histórica, físico-geográfica etc.

A disciplina lingüística que estuda a etimologia e a significação dos nomes próprios de lugares é a *Toponímia*. Trata-se de uma sub-área da *Onomástica*, que, por sua vez, tem como escopo o estudo dos nomes próprios em geral.

Embora seja evidente a importância dos estudos toponímicos, uma vez que sua característica interdisciplinar favorece a aquisição de múltiplos conhecimentos, sua aplicação tem ficado restrita, quando muito, às academias.

Dessa forma, este trabalho apresenta uma proposta de aplicação da Toponímia no Ensino Básico. Miramo-nos no modelo de Velea (2003), que propõe a aplicação de estudos na referida área onomástica em escolas da Galícia – Espanha. Os pressupostos teóricos utilizados, por sua vez, baseiam-se nos estudos empreendidos por Dick (1990, 1992, 1996).

TOPONÍMIA: DEFINIÇÃO, OBJETO E CAMPO DE ATUAÇÃO

Segundo Dick (1990, p. 19), a Toponímia é “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente. A proposta da Toponímia, de acordo com Rostaing (1969, p. 05) é “rechercher la signification et l’origine des noms de lieux et aussi d’étudier leurs transformations”.

Complementando as definições apresentadas anteriormente, vale citar Salazar-Quijada (1985, p. 18):

[A Toponímia é] aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antroponímicos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista.

O topônimo – objeto de estudo da Toponímia – ao ser criado, tal como um ser vivo, está sujeito às conseqüências do tempo: às influências, às modificações, e, até mesmo, ao desaparecimento do seu significado original, uma vez que escapa da consciência ou da memória do povo. Esses aspectos permitem afirmar que a Toponímia

possui uma dupla dimensão: do referente espacial geográfico (*função toponímica*) e do referente temporal (*memória toponímica*).

Dick (1990, p. 24) explica que:

[...] a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...], vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contido na denominação.

Considerando, portanto, o caráter pluridisciplinar do signo toponímico, é possível afirmar que ele constitui um meio para conhecer:

- a. a história dos grupos humanos que vivem ou viveram na região;
- b. as características físico-geográficas da região;
- c. as particularidades sócio-culturais do povo (o denominador);
- d. extratos lingüísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram;
- e. as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente.

Vê-se, assim, que a toponímia estabelece uma estreita relação com o patrimônio cultural de um povo, e sua preservação constitui a perpetuação do histórico (aí envolvidos todos os aspectos físico geográficos e sócio-histórico-culturais inerentes) e dos valores desse mesmo grupo. André Malvoaux, citado por Legrá (2007) assevera:

[...] son los hombres los que han adquirido la responsabilidad de respetar, de hacer indivisibles e indestructibles las obras tanto físicas como no físicas del patrimonio, los que deben arrebatar de la muerte o del olvido, sitios, monumentos, ceremonias, músicas a lo que la autora incorpora, nombres de lugares que atesora la humanidad los cuales les pertencen e identifican.

Como Dick (2007, p. 144) postula, o topônimo, como signo da língua “com forma expressiva e um conteúdo unívoco ou biunívoco, passa a incorporar, ele próprio, as características do espaço que

nomeia”, ou seja, do ponto de vista semântico, “*nome e coisa nomeada* passam a significar o mesmo dado”.

TOPONÍMIA E ENSINO

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (doravante PCNs) – documento elaborado com a finalidade de balizar as práticas aplicadas por educadores no processo ensino-aprendizagem, nos níveis fundamental e médio – é função da escola oferecer ao aluno, a partir de práticas didático-pedagógicas adequadas, subsídios (instrumentalização teóricas e práticas) para o efetivo exercício da cidadania, ou seja, viver e compreender de forma crítica seu tempo, nas diversas situações sócio-culturais.

Quanto ao ensino da língua materna, os PCNs de Língua Portuguesa (1998, 2000) apresentam discussões a respeito dos conteúdos, objetivos e práticas relacionadas ao referido campo do saber, e propõem uma mudança de foco no ensino da língua materna: do excesso de regras e tradicionalismos estruturais para as diferentes práticas discursivas. O documento direcionado para o ensino fundamental (3º e 4º ciclos), PCNs (1988, p. 23), assinala que a “educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”.

Entre as orientações e propostas contidas nos PCNs (1998, 2000), interessa-nos, de modo especial, a que diz respeito ao tratamento interdisciplinar no ensino da Língua Portuguesa. O documento direcionado ao ensino médio, PCNs (2000, p. 21), esclarece:

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos.

Na verdade, o que se propõe é uma abordagem relacional, ou seja, uma interconexão entre os conhecimentos, complementando-os, convergindo-os, divergindo-os; articulando e integrando, assim, informações que transitam entre as diferentes áreas do saber.

Nessa perspectiva, a inclusão dos estudos toponímicos no currículo escolar, entre os assuntos tratados nas aulas de Língua Portuguesa, permite a aplicação da referida orientação, já que essa disciplina onomástica caracteriza-se, exatamente, pela interdisciplinaridade inerente, e necessária, para a análise e compreensão do sentido que o topônimo possui. O trabalho com a toponímia articulará saberes geográficos, históricos, biológicos, antropológicos, além, é claro, de saberes lingüísticos.

A TOPONÍMIA NO ENSINO BÁSICO: PROPOSTAS DE ATIVIDADES

O trabalho com a Toponímia no ensino básico pode ser realizado através de projetos que irão dividir-se, basicamente, em duas fases: na primeira propõe-se a recolha (seleção) e o armazenamento (catalogação) dos designativos; na segunda, a classificação e a análise dos topônimos coletados. As etapas do projeto serão descritas a seguir.

Apresentação da proposta de trabalho toponímico aos alunos

Neste momento inicial, o professor dará informações sobre a ciência toponímica (parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares) e estabelecerá a diferença entre ela e a Antroponímia (parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de pessoas).

Ainda nesta etapa, é importante definir o objeto de estudo da toponímia (o nome geográfico) e esclarecer que o referido designativo identifica (nomeia) acidentes humanos (municípios, bairros, ruas, vilas, favelas etc.) e acidentes físicos (rios, serras, lagos etc.).

Por fim, a partir de um debate, o professor fará com que os alunos entendam: a) a importância da pesquisa toponímica (por exemplo, para evitar que os motivadores para dado designativo se percam no tempo, exatamente por não ter um registro, uma pesquisa que os resgate); e b) a contribuição que eles darão, como pesquisadores toponímicos, para a comunidade presente e futura, na preservação do patrimônio toponomástico.

Familiarização com os termos básicos utilizados pelo pesquisador toponímico

Nesta segunda etapa, o professor deverá apresentar e propor atividades que envolvam o vocabulário técnico básico empregado pelo pesquisador toponímico:

- a. toponímia (ou toponomástica): disciplina que se ocupa dos nomes próprios de lugares;
- b. topônimo: nome próprio que identifica, nomeia os lugares, ou seja, os acidentes geográficos físicos e humanos;
- c. macrotopônimo (e macrotoponímia): topônimo que identifica um espaço mais extenso, em relação e outros menos extensos. Por exemplo, O topônimo que identifica um município será um macrotopônimo quando comparado com os topônimos que identificam os bairros que dele fazem parte;
- d. microtopônimo (e microtoponímia): topônimo que identifica um espaço menos extenso, em relação a outro mais extenso que dele faz parte. O topônimo que designa um bairro será um microtopônimo quando comparado com o topônimo do município do qual faz parte;
- e. natureza toponímica (*Topônimos de Natureza Física e Topônimos de Natureza Antropocultural*): Categoria maior que divide os topônimos de acordo com sua motivação. Se o motivador for um aspecto físico do próprio lugar, temos uma natureza de caráter físico, no entanto, se o motivador for um aspecto ligado ao elemento humano: cultura, história etc.; teremos um topônimo de natureza antropocultural;
- f. taxinomias toponímicas (taxes): categorias que classificam os topônimos de acordo com sua carga semântica, que por sua vez relaciona-se com o influenciador que motivou o denominador no ato da nomeação;
- g. nomeador: aquele que batizou (atribuiu) dado topônimo a determinado lugar;

h. termo genérico do topônimo: é o elemento que nomeia o acidente geográfico de um modo geral, por exemplo: rio, serra, lagoa, cidade (município) seringal etc.;

i. termo específico do topônimo: é o elemento que individualiza o acidente. É o topônimo propriamente dito. Por exemplo, no sintagma Rio Juruá: rio é o termo genérico e Juruá, o específico;

j. informante: é a pessoa que dará informações sobre o topônimo. É o entrevistado;

k. carta topográfica (e mapa): representação (desenho), em superfície plana, dos espaços geográficos e seus elementos naturais, geralmente identificado por escalas: 1: 250 000, 1: 1000 000 etc.

Determinação das áreas de atuação de cada pesquisador (ou grupo de pesquisadores) e do modo de atuação

Esta etapa é dedicada à escolha dos locais onde os inquiridores (pesquisadores) atuarão. A escolha deve ser, de preferência, por locais próximos da residência dos pesquisadores, pois é importante que, tanto os pesquisadores, quanto os informantes tenham conhecimentos comuns quanto aos lugares (acidentes) selecionados para pesquisa. É importante que o professor estabeleça a dimensão da zona a ser pesquisada, e quais acidentes serão focados. Podem ser praças, ruas, vilas etc. A princípio, as questões a serem pesquisadas são: a) o nome pelo qual o informante conhece o lugar é o mesmo que está oficialmente registrado? b) o lugar, em questão, já possuiu outros nomes além do atual?

Cada inquiridor (ou grupo) deve, antes de entrar em campo, adquirir e estudar a localização geográfica dos locais de atuação em cartas topográficas, de preferência de escala 1: 25000. A partir daí, o grupo deverá:

a. identificar o seu lugar de atuação;

- b. verificar se os dados constantes nos mapas estão completos e correspondem com o conhecimento que eles têm do local;
- c. inventariar os nomes geográficos dos lugares sobre os quais eles farão pesquisa (entrevista);
- d. registrar todas as incorreções ou omissões que há nos mapas – se houver.

Ao inventariar os nomes geográficos, os pesquisadores terão em mãos uma fonte para: comparar as informações dos informantes com as que constam nos mapas, certificar se os topônimos que são apresentados nos mapas ainda estão “vivos”.

Manuseio das cartas topográficas: o documento auxiliar de trabalho

Ferramenta obrigatória de qualquer pesquisa toponímica, as cartas topográficas permitem a localização exata e a delimitação precisa do espaço geográfico (e do topônimo) selecionado para pesquisa. Nesta etapa, é conveniente a intervenção de um professor de geografia, que explicará as relações estabelecidas pelas escalas e ainda a identificação dos elementos que constam no documento, como por exemplo, as legendas.

Apresentação das categorias taxionômicas

Nesta etapa, o professor deverá explicar sobre as categorias toponímicas e sobre a motivação inerente ao topônimo. Um bom modelo é o proposto por Dick (1992), uma vez que foi elaborado para a realidade toponímica brasileira. Sousa (2007), assim descreve e exemplifica as taxes propostas pela referida toponimista:

Taxionomias de Natureza Física

a) *Astrotopônimos*: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex. Cruzeiro do Sul (AC); b) *Cardinotopônimos*: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex. Avenida Leste-

Oeste (CE); c) *Cromotopônimos*: topônimos relativos à escala cromática. Ex. Igarapé Preto (AC); d) *Dimensiotopônimos*: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Barra Longa (MG); e) *Fitotopônimos*: topônimos relativos aos vegetais. Ex. Flores (PE); f) *Geomorfotopônimos*: topônimos relativos às formas topográficas. Ex. Morros (MA); g) *Hidotopônimos*: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. Cachoeirinha (RS); h) *Litotopônimos*: topônimos relativos aos minerais ao à constituição do solo. Ex. Areia (PB); i) *Meteorotopônimos*: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex. Chuvisca (RS); j) *Morfotopônimos*: topônimos relativos às formas geométricas. Ex. Volta Redonda (RJ); l) *Zootopônimo*: topônimos referentes aos animais. Ex. Cascavel (CE)

Taxionomias de Natureza Antropo-cultural

a) *Animotopônimos* (ou *Nootopônimos*): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex. Vitória (ES); b) *Antropotopônimos*: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. Barbosa (SP); c) *Axiotopônimos*: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex. Coronel Ezequiel (RN); d) *Corotopônimos*: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex. Seringal Quixadá (AC); e) *Cronotopônimos*: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a). Ex. Nova Aurora (GO); f) *Ecotopônimos*: topônimos relativos às habitações em geral. Ex. Chalé (MG); g) *Ergotopônimos*: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. Jangada (MT); h) *Etnotopônimos*: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. Capixaba (AC); i) *Dirrematopônimos*: topônimos constituídos de frases ou enunciados lingüísticos. Ex. Passa e Fica (RN); j) *Hierotopônimos*: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex. Capela (AL). Esse categoria subdivide-se em: i. *Hagiotopônimos*: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex. Santa Luzia (BA) ii. *Mitotopônimos*: entidades mitológicas. Ex. Exu (PE); l) *Historiotopônimos*: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex. Plácido de Castro (AC); m) *Hodotopôni-*

mos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex. Ponte Alta (SC); *n*) *Numerotopônimos*: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex. Dois vizinhos (PR); *o*) *Poliotopônimos*: topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex. Vila Nova do Mamoré (RO); *p*) *Sociotopônimos*: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex. Pracinha (SP); *q*) *Somatopônimos*: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal. Ex. Braço do Trombudo (SC).

Após a explanação, o professor deve propor exercícios de modo a verificar se os alunos assimilaram o processo classificatório dos topônimos, quanto à natureza e quanto à taxionomia.

***Preparação das fichas do informante
e das fichas lexicográfico-toponímicas
e instrução sobre os preenchimentos***

Neste momento, o professor deverá apresentar um modelo “uniforme” para a ficha do informante e para a ficha lexicográfico-toponímica (ou elaborar as fichas em conjunto com a turma), nas quais serão registradas as informações obtidas durante o trabalho de campo. É importante que as fichas sejam iguais para todas as equipes, e contenham os seguintes dados principais:

a. Na ficha do informante: nome do pesquisador, nome do informante (atribuindo-se um código de identificação), atividade que exerce (e a possível relação da atividade com o acidente pesquisado), lugar onde a pesquisa foi realizada (na casa do informante, na beira do rio, na praia, no local de trabalho do informante), estado e município onde a pesquisa está sendo realizada, idade do informante, tempo de moradia no local, data da pesquisa, registro de topônimos e informações sobre os mesmos (origem, por exemplo), grau de instrução do informante, observações gerais sobre as informações obtidas (Cf. Valea, 2003, p. 14-19)

b. Na ficha lexicográfico-toponímica: localização do topônimo (município), o topônimo, nome popular (se houver), designativos anteriores, tipo de acidente geográfico

(F: físico ou H: humano), classificação taxionômica e natureza, etimologia, histórico, contexto (obtido a partir da pesquisa com o informante), fontes (bibliográficas), nome(s) do(s) pesquisador(es), data da coleta. (Cf. Dick, 2004, p. 130)

Após elaborar (ou apresentar) as fichas e instruir os alunos quanto ao preenchimento, é positivo solicitar aos alunos uma entrevista-piloto, do modo a verificar seus desempenhos em relação à obtenção das informações e a posterior catalogação dos dados. Este é o momento para tirar as dúvidas e fazer os devidos reparos metodológicos.

Vale ressaltar que alguns dos itens constantes na ficha lexicográfico-toponímica serão preenchidos com a intervenção do professor de Língua Portuguesa, em sala de aula, auxiliado, se possível, por um professor de História: etimologia, histórico, contexto etc.

Atuação em campo

Nesta etapa os alunos farão as pesquisas de campo para a obtenção dos dados. O tempo destinado a esta etapa vai depender dos lugares destinados à coleta das informações.

O professor poderá, durante o tempo destinado à pesquisa, destinar momentos para monitoração das atividades: tirar dúvidas, fazer correções etc.

Tratamento lingüístico do material coletado

De posse dos dados, o professor deverá dar instruções sobre os procedimentos de análise lingüística (léxica e semântica) dos topônimos:

a. estrutura morfo-sintática do topônimo: topônimo com estrutura simples (formado por uma única palavra: [bairro] Floresta), topônimo com estrutura composta (formado por mais de um elemento: [avenida] Leste-oeste), topônimo formado por enunciados lingüísticos: [seringal] Vai-Quem-Quer, topônimo formado por derivação prefixal:

[município] *Descoberto* – MG, topônimo formado por derivação sufixal: [município] *Acrelândia* - AC entre outras;

b. composição semântica do topônimo: neste caso, deve-se recorrer às categorias taxionômicas, pois o aspecto semântico do topônimo é determinado pelo motivador que influenciou o denominador no ato da nomeação, que pode ser: a saudade da sua terra natal, questões religiosas, aspectos culturais, homenagens históricas ou políticas etc.

Socialização das experiências e dos resultados: apresentação de seminários

É importante que as experiências de cada grupo e os resultados alcançados sejam socializados em sala de aula, de forma que os grupos saibam as dificuldades por que passaram os outros e assim possam pensar e sugerir novas estratégias para outras pesquisas de campo. É uma forma, também, de valorizar os trabalhos e os resultados obtidos. Propõe-se, neste caso, um momento para a apresentação oral dos grupos.

Documentação da pesquisa

O projeto pode ter como ponto de culminância a produção (registro) bibliográfica dos trabalhos finais, como meio de documentar as informações que os grupos coletaram, disponibilizando-as, por exemplo, na biblioteca da escola, para que sirvam como material de consulta para o público em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para a aplicação da Toponímia no ensino básico aqui exposta, e o reconhecimento do caráter pluridisciplinar que esta disciplina alcança mostram a importância que têm as pesquisas desta natureza: além de envolver múltiplos saberes para a obtenção dos seus objetivos, contribui para a preservação do patrimônio toponímico e cultural de uma região, de um povo.

Para finalizar, vale citar as palavras de Marques (1950, p. 12), para quem a língua:

[...] é o reflexo da vida de um povo; quanto mais este progride na cultura das ciências, das letras e das artes, tanto mais se enriquece seu idioma; a língua é o espelho polido que retrata as qualidades cívicas e morais, os usos e costumes que se aprimoram; todas as atividades que se relacionam com o homem, nela transparece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. **In:** *Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981, p. 131-145.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

———. *Parâmetros curriculares nacionais*. Ensino Médio – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2000.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

———. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. *Coletânea de estudos*. São Paulo: Gráfica da FLCH/USP, 1992.

———. *Atlas toponímico: um estudo de caso*. São Paulo: Plêiade, v. 6, 1996, p. 27-44.

———. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotônimos na onomástica brasileira. **In:** ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande (MS): UFMS, 2004, p. 121-130.

———. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **In:** *Revista Trama*. Paraná: UNIOESTE, v. 3, n. 5, 2007, p. 141-155.

LEGRÁ, G. V. La toponímia como objeto de interpretación ambiental. Villa Clara: Universidad Pedagógica Félix Varela, 2007. [Disponível em:

<http://www.villaclara.cu/UserFiles/File/Portal%20prov./infolegam/2>

[007no2/La%20toponimia%20como%20objeto%20de%20interpretacion%20ambiental.doc](#)]. Acesso em: 29/10/2007.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

MARQUES, J. R. *História e toponímia: desvendar o passado é construir um futuro melhor*. Cuiabá: Ed. do Autor, 1950.

ROSTAING, C. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*. Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 150p.

VALEA, X. M. *Guía para unha intervención toponímica desde a escola*. Ourense Spain, 2003. [Disponível em: http://www.onomastico.org/descargas/Guia_didactica.pdf.] Acesso em: 01/11/2007.